

LF  
923.281  
B823V  
JFA



CÂMARA DOS DEPUTADOS

# Joaquim Francisco de Assis Brasil

(CENTENÁRIO DE NASCIMENTO)

- *Homenagem da Câmara dos Deputados.*
- *Sessão em 29 de julho de 1957, Presidência do sr. Flores da Cunha.*
- *Discursos dos srs. Luiz Viana e Joaquim Duval.*



CÂMARA DOS DEPUTADOS

# Joaquim Francisco de Assis Brasil

(CENTENÁRIO DE NASCIMENTO)

- *Homenagem da Câmara dos Deputados.*
- *Sessão em 29 de julho de 1957. Presidência do sr. Flores da Cunha.*
- *Discursos dos srs. Luiz Viana e Joaquim Duval.*

RIO DE JANEIRO — 1958



O SR. FLORES DA CUNHA, Presidente — O Grande Expediente da sessão de hoje é destinado à comemoração do centenário de nascimento de Joaquim Francisco de Assis Brasil.

Tem a palavra o Sr. Luís Viana.

O SR. LUIZ VIANA — Sr. Presidente, honrado pela designação de V. Ex.<sup>a</sup>, incumbe-me hoje, no transcurso do primeiro centenário do nascimento de Assis Brasil, o elogio que lhe deve esta Casa, que tanto honrou com sua presença.

Nascido há cem anos justos, no Município de São Gabriel, Joaquim Francisco de Assis Brasil realizou, certamente, uma das mais dignas e ilustres trajetórias na vida pública brasileira, que, para êle, se iniciou nos albores da mocidade, quando, em São Paulo, se filiou àquela idéia que seria a paixão, a própria razão da sua vida — a idéia republicana.

Devo, aliás, Sr. Presidente, ao mencionar o fato, ter uma palavra que assinale, não apenas a figura de Assis Brasil, mas também aquela plêiade de gaúchos, de sul-riograndenses a êsse tempo cursando a Faculdade de Direito de São Paulo e que se tornaram dos mais bravos, dos mais denodados paladinos da idéia republicana.

Congregados no Clube 20 de Setembro, que, pelo nome, lembrava a grande data farroupilha, representavam êles uma corrente nova de pensamento, que iriam levar para o extremo sul do País, onde a lançariam com êxito.

Basta, Sr. Presidente, que eu mencione algumas das figuras que a êsse tempo integravam o Clube 20 de Setembro, para que logo se veja que sòmente de raro em raro é possível reunir, numa mesma ocasião, pugilo tão brilhante de jovens patriotas.

Começarei por uma figura certamente muito cara a V. Ex.<sup>a</sup>. Refiro-me a Júlio de Castilhos, talvez, se não, certamente, o maior de todos, e de quem o próprio Assis Brasil, seu desafeto em lutas políticas posteriores, traçou, quando já separado de seu ilustre conterrâneo, êste perfil que honra tanto Castilhos quanto Assis Brasil.

Dizia êle, Sr. Presidente, aludindo a Júlio de Castilhos, “que êste — e comparava-o ao grande Silveira Martins — não tinha no mesmo grau as qualidades brilhantes do tribuno do Império, mas supria-as completamente com o equilibrio da intelligência, com a tenacidade no estudo e na ação e — o que é mais importante para o êxito — abrigava no peito, constantemente, através de vicissitudes e triunfos, essa ponderável e refletida ambição de governar e de mandar, sem a qual homem algum chega ao poder, a não ser em circunstâncias excepcionais, como as que levaram ao Consulado Romano o virtuoso e desinteressado Cincinato.”

Mas não era apenas Júlio de Castilhos. Aí também estava, ao seu lado, Pinheiro Machado, Adolfo Osório, Homero Batista, Vitorino Monteiro, Enéas Galvão, Germano Hasslocher e essa veneranda figura, ainda viva em Pôrto Alegre, onde vê transcórre, na quietude de um lar honrado e feliz, a sua extrema velhice. Refiro-me ao grande republicano Sr. Borges de Medeiros.

Pois bem, Sr. Presidente. Foi ombro a ombro com êsses jovens gaúchos que Assis Brasil se iniciou na vida pública em São Paulo, colaborando em dois jornais republicanos — *A Evolução* e *A República*. Mas com os seus pendores de publicista e de pensador não se limitaria Assis Brasil às atividades da imprensa. Elas iriam mais longe, transbordariam para o livro, porque no livro, Sr. Presidente, encontrava êle o campo propício para semear as suas idéias republicanas. E, ainda estudante, publica pequeno trabalho, mas pelo qual já se pode avaliar a figura do pensador e do combatente, e que intitulou *A República Federal*, e no qual deixa cair uma frase que eu, se tivesse de buscar uma legenda para sua vida, escolheria. É quando êle, a propósito das duas faces com que tôdas as questões

se apresentam ao espírito humano — a face real e face ideal — afirmava: “Em linguagem mais vulgar e clara, pode-se dizer: o real é o que é; o ideal é o que deve ser”.

Sr. Presidente, desde aquêl tempo até a morte, Assis Brasil foi realmente um homem voltado para o ideal, isto é, apegado, não ao que é, mas em luta para o que deve ser. Graças a essa fôrça interior, ao chegar à sua terra natal, em oposição a Gaspar Silveira Martins — e V. Ex.<sup>a</sup>, gaúcho dos mais ilustres, bem sabe o que significava àquele tempo opor-se àquela nobre e grande figura que Nabuco chamou Sansão dos Pampas, Gaspar da Silveira Martins — Assis Brasil, mal saído dos bancos acadêmicos em pleito memorável, logrou ser o primeiro republicano a ter assento na Assembléa Provincial do Rio Grande e aí enfrentar, na tribuna, o grande e nobre adversário que era Silveira Martins. No Congresso Republicano de Pôrto Alegre, proferiu a sua famosa conferência de 83, a que chamou “A unidade nacional”, tanto ligava a idéia federativa à manutenção da unidade de pátria.

Típico, entretanto, do seu temperamento, é a generosidade, é o cuidado com que, a cada passo, apesar dos impulsos da mocidade, se refere aos seus antagonistas. Nêle, nada é mesquinho. E, como primeiro representante da idéia republicana na Assembléa Provincial, aconselha os seus correligionários, não às retaliações, mas a aprenderem que nunca é tarde para o cumprimento do dever. (*Apoiados*).

Proclamada a República, vitoriosa a idéia pela qual se havia batido desde os anos acadêmicos, Assis Brasil como que fez meia volta na sua carreira pública; deixou os pagos rio-grandenses para tornar-se o primeiro representante do Brasil na Legação Republicana de Buenos Aires.

Pouco, porém, demorou aí. Ao verificar que, deflagrado o golpe de Estado de Deodoro, não se manifestava Júlio de Castilhos, então Governador do Estado, contra essa atitude da qual êle, Assis Brasil, não partilhava, retornou então a Pôrto Alegre e, no movimento conhecido como de 12 de novembro, depôs Júlio de Castilhos.

Era Júlio de Castilhos, no depoimento unânime dos contemporâneos, a figura a que Assis Brasil se encontrava mais fundamentalmente ligado, inclusive por vínculos de parentesco, uma vez que se casara com uma irmã dêle. Entre-

tanto, ao ter de decidir-se entre essa amizade e o que lhe parecia seu dever político, não teve dúvida em voltar-se contra Castilhos.

Assume, então, juntamente com Barros Cassal e Rocha Osório, o breve govêrno do Rio Grande, govêrno realmente efêmero, — “governicho”, disseram os adversários, tão efêmero quanto o golpe de Deodoro, pois, empossado no poder, Floriano Peixoto houve por bem dispor os acontecimentos, de modo que Júlio de Castilhos reimplantasse no Rio Grande a sua legalidade.

Assim, vitorioso o movimento de retôrno de Júlio de Castilhos, observamos que o fenômeno vai ter profunda repercussão na vida rio-grandense, sendo na vida brasileira, fenômeno que só ocorre no Rio Grande, representado justamente pela divisão das forças políticas, em tôrno de três correntes ideológicas. No resto do País, a política se divide apenas em govêrno e opposição; os que estão no govêrno a quererem mantê-lo, pelo seu apoio ao Govêrno central ou Govêrno da União; os que militam na opposição, a pleitearem do Govêrno da União as oportunidades e o prestígio com o qual esperam alcançar o poder local.

No Rio Grande, não. Isto honra extraordinariamente o pensamento gaúcho. No Rio Grande, nas nossas tradições, formado pela gente mais belicosa, pela gente mais afeita ao manejo e ao torneio das armas, vamos assistir a grande torneio das idéias republicanas. E mais: se excluirmos do nosso cenário a figura incomparável de Ruy Barbosa, evidentemente um caso à parte, sòmente no Rio Grande vamos encontrar as lutas políticas esteadas e alicerçadas em teses doutrinárias.

Com efeito, enquanto Castilhos se aferra à idéia constituta, à idéia positivista, que seria a base da Constituição rio-grandense, os seus oppositores — Assis Brasil, de um lado; Silveira Martins, do outro — dividem-se entre o parlamentarismo, à maneira inglêsa de Silveira Martins, e o govêrno republicano, à moda dos Estados Unidos da América, pregada por Assis Brasil.

São essas três correntes de pensamento, êsses três grupos de idéias que dividem a gente gaúcha até os idos de 1928.

Vê V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Presidente, a fôrça, o vigor daquelas três figuras que durante 40 anos conseguem, através de tôdas as vicissitudes e alguns mesmos depois da morte — como no caso de Castilhos e de Gaspar Silveira Martins — projetar suas linhas durante décadas, nas quais sua gente e seu povo se apresentaram fundamente marcados pela pregação de cada qual.

Não desejo, porém, Sr. Presidente, desviar-me do assunto principal de meu discurso e peço mesmo desculpas pelo breve parêntesis com que interrompo a modesta biografia de Assis Brasil.

Dizia eu: restabelecido o Govêrno de Júlio de Castilhos, é na diplomácia, no serviço da política externa que vai abrigar-se, refugiar-se, Assis Brasil. Inicialmente, na Legação de Buenos Aires, à qual retorna. Posteriormente, quando restabelecemos as relações com Portugal, é Assis Brasil o ministro que assume a nossa legação em Lisboa. Mas, Sr. Presidente — e êste é um traço que eu queria notar — apesar de tôdas as distrações, apesar de todo o encanto que pode ter a vida no exterior, Assis Brasil se manteve sempre fiel, não sômente às suas idéias, mas também, à prorrogação das suas idéias. E, então, em Lisboa, êle não é um diletante da diplomacia — é um estudioso, um escritor, é um lutador; e aí publica dois dos seus trabalhos ainda hoje mais citados, mais consultados na biografia política brasileira. O primeiro, Sr. Presidente, em 1933, sob o título: “Democracia Representativa”, que êle mesmo disse gerado da pura intenção do aperfeiçoamento da nossa República.

Êste, realmente, foi o grande escopo na vida de Assis Brasil — aperfeiçoar a República — já que ela não foi, ou não tinha sido a República do sonho dos republicanos. Assis Brasil jamais arriou armas, mantendo-se sempre nas trincheiras em luta pelo seu progressivo aperfeiçoamento. Então, Sr. Presidente, nesse trabalho êle escreve estas palavras, que bem mostram quanto o seu pensamento, quanto a sua alma estava voltada para os pagos sul-riograndenses:

“Quanto a mim — diz Assis Brasil — a maior, a mais íntima e intensa preocupação de minha vida pública é continuar sempre, embora distanciado do centro de atividade, a servir, com dedicação,



à sagrada causa, tendo, cada vez mais, a esperança de volver um dia, não mui remoto, armado da mesma fé e da soma de moderação e experiência que o conhecimento do mundo infunde, e retomar o pôsto em que outra hora servi e que não quero que se considere abandonado.”

Bem se vê aí, Sr. Presidente, que, malgrado tôdas as distrações, malgrado tôdas as seduções que podiam envolver aquela grande poderosa inteligência, uma vez que se encontrava no estrangeiro, êle teve a fôrça de ânimo — e bem cabe aqui a expressão — teve a fôrça de ânimo de não permitir que as suas raízes deixassem de vicejar na abençoada terra gaúcha do seu berço.

Ainda em Portugal escreve êle outro trabalho: “O Governo Presidencial na República Brasileira”, a que denominou um livro de combate. E’ realmente curiosa e interessante, Sr. Presidente, justamente pelas várias facêtas através das quais podemos venerar essa personalidade extraordinária.

Assim, depois de publicar dois livros de tanta repercussão no mundo das idéias políticas e que são na verdade pedras marcantes na evolução do pensamento político brasileiro, tão pobre no particular, Assis Brasil havia de nos surpreender com uma obra que se diria inteiramente fora de suas cogitações. Refiro-me ao livro “A Cultura dos Campos”, editada em Paris, em 1898, pela Sociedade Brasileira para Animação da Agricultura, também fundada naquela cidade.

Vê V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Presidente, o sabor, o encanto dessa figura capaz de interromper as mais altas preocupações do homem de Estado, do diplomata, do historiador, do estudioso, para se voltar — poderia dizer que modestamente — para o amanhã da terra, que êle tanto amou e tanto amara. Então vemos Assis Brasil trazer para o seu País a valiosa contribuição de um livro de pequenos ensinamentos agrícolas, livro despretenhioso, como podemos ver no próprio prefácio da publicação, mas que revela em tôda a plenitude a alma patriótica, do homem interessado pela coisa da sua Pátria, pelo progresso da sua terra, e que vinha trazer, modestamente, aos seus concidadãos,

aos seus companheiros da campanha sul-riograndense, aquela esplêndida contribuição de pequenos mas sadios ensinamentos.

*O Sr. Otacílio Negrão* — V. Ex.<sup>a</sup>. está desenhando com relêvo extraordinário...

O SR. LUIZ VIANA — Bondade de V. Ex.<sup>a</sup>.

*O Sr. Otacílio Negrão* — ... duas facêtas interessantes da vida do grande Assis Brasil. No aspecto político, Sr. Deputado, confesso que tôdas as revelações de V. Ex.<sup>a</sup>. são para mim uma surpresa até certo ponto. Quando, porém, V. Ex.<sup>a</sup>. cuida do homem do campo, quando fala do Assis Brasil agricultor, V. Ex.<sup>a</sup>. desperta em mim a vontade de apartea-lo, porque, confesso, foi precisamente êste livro de Assis Brasil que V. Ex.<sup>a</sup>. está descrevendo que fêz de mim um modesto, porém crente agricultor brasileiro.

O SR. LUIZ VIANA — Bem vê V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Presidente, quanta razão tinha eu ao assinalar o mérito dêste pequeno trabalho que, pelo menos, daria a Assis Brasil a satisfação de integrar, na vida dos campos brasileiros, uma figura tão simpática quanto a do Deputado Otacílio Negrão.

*O Sr. Otacílio Negrão* — Obrigado a V. Ex.<sup>a</sup>

O SR. PRESIDENTE — Informo ao nobre orador que seu tempo está quase esgotado.

O SR. LUIZ VIANA — V. Ex.<sup>a</sup> permitirá, Sr. Presidente, que, nos minutos que ainda me restam, para os quais peço a benevolência de V. Ex.<sup>a</sup> e da Casa, procure ainda, num bosquejo tão rápido quanto o que venho fazendo, assinalar alguns traços desta grande figura que é Assis Brasil.

Já que entrei numa estrada que não é a da vida pública de Assis Brasil, ainda me referia àquele outro aspecto que tanto se associa ao homem do campo, o do atleta, o do homem esportivo, que gostava de certas façanhas, de energia, o do atirador exímio que se dava ao luxo de repetir, com a sua própria senhora, a façanha de Guilherme Tell, colocando na cabeça da sua digna espôsa uma maçã que furava com um tiro de revólver.

Não sei ai o que mais admirar: a coragem, a confiança daquela virtuosa senhora, ou o atirador exímio que era, incontestavelmente, Assis Brasil. Mas, não era apenas como atirador que se fazia notado no campo dos esportes Assis Brasil. Era êle também grande ciclista.

*O Sr. Flores da Cunha* — V. Ex.<sup>a</sup> permite que o interrompa?

O SR. LUIZ VIANA — Com muito prazer e honra.

*O Sr. Flores da Cunha* — Assis Brasil era tão grande atirador que na “república” em que morava, com outros riograndenses, na Rua 7 de Abril, em São Paulo, marcara o seu nome no texto do seu quarto a tiros de revólver. Mas há um episódio que convém referir aqui e que é pouco conhecido na História do Brasil. Quando da Constituição de 91, Assis Brasil teve um desaguisado, um desentendimento com o grande José Higino Duarte Pereira, jurisconsulto pernambucano, que morreu como embaixador do Brasil no México. O desentendimento tomou certo caráter de gravidade e Assis Brasil mandou desafiar José Higino Duarte Pereira para bater-se. Como José Higino soubesse que Assis Brasil era um exímio atirador e sendo bravo também o pernambucano, como de resto existem outros pernambucanos bravos, José Higino mandou responder-lhe, pelas suas testemunhas, que aceitava o duelo à pistola, atirando ambos a um metro de distância simultaneamente.

O SR. LUIZ VIANA — Agradeço a V. Ex.<sup>a</sup> a contribuição com que honra o meu discurso.

Dizia, Sr. Presidente, das atividades do ciclista, do apaixonado ciclista que era Assis Brasil. Citarei aqui dois episódios apenas, para não cansar a Casa. O primeiro encontrei-o, poderia dizer, por acaso, num dos pequenos cadernos existentes no Arquivo do Itamarati e nos quais o Barão do Rio Branco costumava tomar apontamentos da sua vida particular. Num desses cadernos deparei com esta nota de Rio Branco que ao tempo morava em Paris, 1895, se não estou em equívoco.

“Hoje fomos a Versalhes. Paulo (era o filho de Rio Branco) e o Assis Brasil foram de bicicleta.”

O SR. TEIXEIRA GUEIROS (*Para uma questão de ordem. Sem revisão do orador*) — Sr. Presidente, não sou muito versado nas filigranas e regras regimentais. Vendo que o eminente orador está traçando o perfil de uma época e de uma personalidade tão notável como a de Assis Brasil, requiro a V. Ex.<sup>a</sup>, se o Regimento permitir, prorrogação do prazo de que dispõe, para que nos delicie por mais tempo com o importante discurso que está proferindo.

O SR. PRESIDENTE — Informo a V. Ex.<sup>a</sup> que, pelo Regimento, o nobre orador dispõe de 40 minutos. O orador seguinte será o Sr. Deputado Joaquim Duval, que poderá ceder parte do tempo, se fôr do seu agrado, ao que a Mesa nada terá a opor.

O Sr. Joaquim Duval — Se o nobre Deputado Luiz Viana reservar 15 minutos para mim, poderá utilizar o resto do meu tempo.

O SR. LUIZ VIANA — Agradecido a V. Ex.<sup>a</sup>.

Mas, Sr. Presidente, dizia eu que iria revelar dois pequenos episódios, dos quais um já enunciei.

O segundo está pontado pela malícia de Oliveira Lima, no seu livro de Memórias. Oliveira Lima não gostava de Assis Brasil. Assis Brasil fôra seu chefe na Legação de Washington algum tempo e não se deram bem...

O Sr. Flores da Cunha — Ilustre Deputado, pediria a V. Ex.<sup>a</sup>, na qualidade de membro da nossa Academia de Letras, passasse por cima dessa referência histórica e póstuma.

O SR. LUIZ VIANA — Se V. Ex.<sup>a</sup> me permite, vou apenas referir o episódio.

O Sr. Flores da Cunha — Sabe por que me abalanço a aconselhar V. Ex.<sup>a</sup>?

O SR. LUIZ VIANA — V. Ex.<sup>a</sup> está atendido de ante-mão. Não ia fazer qualquer referência...

O Sr. Flores da Cunha — Mas sei por que o faço. E' por isto. Essas Memórias, que só foram publicadas depois da morte de Oliveira Lima, atacam Rio Branco, atacam Assis Brasil, não poupam a ninguém e não deram o direito de defesa, por isso que só foram conhecidos depois da morte do autor. Uma covardia!

O SR. LUIZ VIANA — Referindo-me às memórias de Oliveira Lima, já tive ocasião de chamá-las ácidas — ácidas memórias de Oliveira Lima.

Só ia referir o fato relatado por Oliveira Lima e que não tem nenhum desaire...

O Sr. Flores da Cunha — Preferia que dissesse memórias azêdas... (*Risos*).

O SR. LUIZ VIANA — E' justamente o que pretendia dizer.

Sr. Presidente, Oliveira Lima refere que, quando Ministro em Washington, Assis Brasil tinha o hábito de pagar visitas em bicicleta. Não há nada de mais nisto; é um traço até de simpática modéstia daquele grande patricio.

Se referi êste episódio foi para, logo em seguida, ressaltar a impressão que Assis Brasil causou nos Estados Unidos da América. Quero ler um trecho inédito.

O grande internacionalista Bassett Moore, numa carta a Rio Branco — carta particular, que não se destinava ao conhecimento de Assis Brasil nem a qualquer publicidade — refere-se em têrmos elogiosos a Assis Brasil.

Diz, textualmente, Bassett Moore, ao tempo a maior figura do Direito Internacional americano:

“E' Assis Brasil” — a carta data de 1898 —  
“um profundo erudito, um cavalheiro da melhor sociedade, tanto americana quanto européia, e um homem cotado com muitas e substanciais qualidades.”

Êste pequeno, êsse rápido perfil — não sei se chega a ser perfil — êsse traço da personalidade de Assis Brasil, feito por um homem de estatura de Bassett Moore, é realmente uma coisa que honra, não sòmente Assis Brasil, mas a diplomacia brasileira que, mercê de Deus, tem contado com tantas, grandes e nobres figuras a representá-la no estrangeiro.

Sr. Presidente, devo abreviar as minhas considerações e, fazendo-o, dou um salto sôbre a vida diplomática de Assis Brasil, a vida do diplomata que se assinala por vários acontecimentos memoráveis, inclusive em relação ao Acre,

quando negociou a desistência do Sindicato Internacional que havia adquirido os direitos da Bolívia. Dou um salto, porém, para chegar a 1908 quando, deflagrada áspera luta política no Rio Grande, Assis Brasil deixa a Legação de Buenos Aires que ocupava àquela tempo para ir bater-se pela candidatura Fernando Abbot. E o faz mandando, inicialmente, de Buenos Aires, esta carta de 23 de agosto de 1907, que encontrei publicada no jornal “O Século”, transcrita do Correio do Povo” de Porto Alegre. Nela — e eu quero bem acentuar alguns trechos que vou ler — dizia Assis Brasil:

“Os meus adversários bem sabiam que, declarando-se uma luta de princípios no Estado, seria logicamente levado a tomar o meu posto nas fileiras.”

Em seguida historia — mas com que altura, com que nobreza, Sr. Presidente! — a sua luta, a sua áspera divergência com Júlio de Castilhos. Tem então ocasião de escrever estas palavras, que desejo incorporar ao meu discurso:

“Castilhos era materialista e tinha a paixão do mundo. Eu era, sou e espero morrer idealista. Castilhos desprezou e esqueceu tudo — afetos pessoais, afinidades partidárias, obrigações de coerência — para ir direto ao seu alvo, e o atingiu brilhante e trágicamente.”

Vê-se aí a força de Castilhos, que, tantos anos depois, ainda de tal maneira vincava a alma, o espírito do antigo companheiro de São Paulo.

Assim termina a carta Assis Brasil:

“Enfim, a consciência de que me não vou recostar sobre um leito de rosas não é, como nunca foi, bastante para me fazer estacar ou fugir. Devo, pois, voltar ao Rio Grande, abandonando a carreira a que o Destino me fez consagrar o melhor período da virilidade.”

Vemos, então, Assis Brasil, idealista, transportar-se da vida diplomática, para se integrar na vida política do Rio Grande do Sul, na qual havia de ficar sobretudo notado quando, em 1923, se tornou candidato da Aliança Libertadora, contra o Sr. Borges de Medeiros, luta essa que teve as maiores conseqüências na vida pública brasileira e concluída com o Pacto de Pedras Altas, assinado por pagos gaúchos um espetáculo feudal. E ali, na sua casa de campo, no seu castelo, podemos dizer que Assis Brasil aceita a paz, a pacificação que lhe ofereciam os adversários vitoriosos. E — ironia do destino, Sr. Presidente — nesse pacto, enquanto se punha um marco no poder do Sr. Borges de Medeiros, que já pela quinta vez se elegia Governador do Rio Grande do Sul, preparava-se a ascensão de Getúlio Vargas. Digo ironia, Sr. Presidente, porque Assis Brasil, como todos nós, pobre instrumento do Destino ou da Providência, não sabia que, ao pôr termo, naquele pacto memorável de Pedras Altas, a uma quase ou virtual ditadura do Rio Grande, abriu caminho à ditadura de Getúlio Vargas.

Em Pedras Altas, na realidade, dentro da perspectiva histórica, é que começava a carreira política de Getúlio Vargas. Sem Pedras Altas não teríamos tido, na Presidência, Getúlio Vargas, segundo a minha modesta e desautorizada opinião. (*Não apoiados*).

Mas, Sr. Presidente, de tal maneira se avigora, se fortalece a figura de Assis Brasil, que êle se torna no País o líder virtual das idéias democráticas.

De tal maneira que, arrefecidas as divergências com os gasparistas, funda-se, sob a presidência de Assis Brasil, em 1928, o Partido Libertador, que congregaria no Rio Grande as forças políticas antes filiadas às idéias de Silveira Martins e à pregação do eminente cidadão cujo centenário hoje celebramos. Mas é tal a projeção no País da sua figura, que não tarda em ser eleito presidente do Partido Democrático Nacional, ao qual se filiavam os partidos democráticos do Distrito Federal e de São Paulo. E qual a bandeira que Assis Brasil estende ao País? Esta com a qual se fez a Revolução de 30: Representação e Justiça. Tendo por lema essas duas palavras que correram mundo e cobriram o Brasil, no atendimento das as-

pirações, dos desejos e dos ideais da minha geração, sob essa bandeira é que se congregaram tôdas as forças libertárias do País, tôdas as forças democráticas, que haviam de transbordar no grande movimento de 1930.

Vitoriosa a revolução, Assis Brasil por um momento acredita também triunfantes algumas das idéias pelas quais se batera desde a mocidade, inclusive a verdade eleitoral. Realmente, é êle um dos propugnadores do Código Eleitoral sob o qual, vencida a revolução paulista de 1932, se chamou a Nação para escolher os seus representantes na Constituinte de 1934. Foi êle um dos eleitos, Sr. Presidente. E ainda têm assento nesta Casa colegas que dêle se lembram — a branca e revólta cabeleira a marcar a bela figura do ancião — quando, por algumas vêzes, vigoroso, ágil, lúcido, cheio de patriotismo, ocupou esta tribuna, que muito enobreceu. (*Apoiados*).

Contudo, Sr. Presidente, o crepúsculo não demoraria.

Próximo da idade propecta dos romanos, já não podia suportar os encargos a que tinha direito pela notável posição que tivera na construção da vitória. Vemo-lo, então, Ministro da Agricultura e representante do Brasil na Conferência de Londres. Mas, virtualmente, Assis Brasil acabara com a vitória da sua bandeira, de sua legenda: Justiça e Representação.

Ei-lo, então, com a dignidade de um daqueles senadores romanos que, depois de ocuparem os mais altos postos da República, se retiravam para o campo, a fim de amanharem a terra.

Assis Brasil retira-se para a solidão da vida agrícola, onde tem a assisti-lo o carinho da espôsa, D. Lydia de Assis Brasil, de nobre estirpe lusa, e que ainda hoje tem a ventura de presenciar as homenagens que no Rio Grande estão sendo prestadas ao pensador, ao idealista, e ao escritor. Assis Brasil como que sobrevive no sonho com que encheu a bela e nobre existência. (*Muito bem*).

Podemos, pois, afirmar, após êste rápido bosquejo tão grande figura republicana, que a Assis Brasil oferece a nós e à mocidade do Brasil o raro e grande exemplo de um homem que, tendo vivido tanto, através da ingrata vida pública nacional, soube manter-se fiel aquêle lema que o estudante inscrevera no escudo com que saíra para



a luta, isto é, continuava voltado, não para o que era, continuava — para usar expressão corrente — não realista, não apegado ao que existia, mas voltado para o ideal, para aquilo que achava que devia ser, nesse eterno afã de aperfeiçoamento, marca dos verdadeiros idealistas.

Que vida mais bela, para um homem da estatura de Assis Brasil, do que trabalhar a terra, depois de tanto servir à pátria, e ver findarem seus dias entre as bênçãos de seus contemporâneos, hoje desdobrados nos louvores da posteridade! Essa, Sr. Presidente, a glória de quem tanto e tão bem serviu aos ideais de republicanos, durante longa trajetória de trabalho, de sacrifícios e de lutas pela grandeza do Brasil! (*Muito bem; muito bem. Palmas. O orador é vivamente cumprimentado*).

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o Sr. Joaquim Duval.

O SR. JOAQUIM DUVAL (*Lê o seguinte discurso*) — Sr. Presidente e Srs. Deputados, falo em meu nome e no de meus companheiros da bancada sul-riograndense, para prestar homenagem a um dos mais ilustres filhos do Rio Grande do Sul — Joaquim Francisco de Assis Brasil — no centenário de seu nascimento.

O Sr. Otacilio Negrão — A personalidade marcante de V. Ex.<sup>a</sup> nos quadros do PSD, o fulgor e a fidelidade de suas palavras fazem de V. Ex.<sup>a</sup> intérprete não apenas do sentimento do PSD sul-riograndense, mas de todo o PSD nacional.

O SR. JOAQUIM DUVAL — Muito agradecido ao nobre colega.

Assis Brasil foi uma eminência nacional. Sua vida abrange longo período da nossa história desde a Abolição até depois da Revolução de 1930 e da Segunda República. Desapareceu depois de atingir aquela idade que os gregos diziam perfeita — oitenta anos. Fêz parte daquela plêiade gloriosa de brasileiros ilustres que, saídos das Faculdades tradicionais de São Paulo e do Recife, se bateram pela Abolição e pela República.

Deputado estadual ao tempo do Império, teve a responsabilidade de representar sozinho a idéia republicana na Assembléa Provincial Riograndense e travou o célebre duelo oratório com Silveira Martins, o semi-deus da tribuna.

Propagandista da República, foi deputado federal da Primeira Constituinte e também da Segunda.

Diplomata, representou o Brasil em Buenos Aires, Lisboa e Washington, e immortalizou-se com o Tratado de Petrópolis.

Ruralista, ensinou com seu exemplo as práticas adiantadas da agricultura e do pastoreio à gente riograndense.

Político, revelou suas grandes qualidades de homem público em diversas fases da vida nacional. A política é uma vocação, não é um improviso. O político aperfeiçoa-se, cultiva a prática das virtudes cívicas, apura o sentimento de justiça, de tolerância. Deve ter uma espécie de sexto sentido capaz de captar, de auscultar as necessidades coletivas para ser o instrumento, o intérprete das aspirações populares. Assis Brasil soube ser o instrumento admirável e o intérprete fiel das aspirações dos seus correligionários.

Nos primeiros anos d'êste século fundou o Partido Democrático, no seu Estado natal, tendo proferido na ocasião o grande discurso de Santa Maria, discorrendo sobre o programa da nova agremiação.

Fêz a campanha eleitoral conhecida como luta "Assis-Borges" que resultou na Revolução de 1923 cuja pacificação ocorreu no Govêrno Bernardes com a assinatura do Tratado de Pedras Altas, nome do lugar onde residia o eminente repúblico.

Em 1925 abriu-se de novo a época da Revolução em nossa Pátria. Nessa ocasião Assis Brasil lançou ao País o Manifesto da Aliança Libertadora do Rio Grande do Sul. Êsse documento pertence hoje às páginas da nossa história. E' a certidão de batismo da Revolução Brasileira. E' o documento original, escrito quando seu autor estava em terra estranha. Honório Leme invade então o Rio Grande e pouco depois se deu o encontro de Flores da Cunha com o general revolucionário. E' um fato histórico, autêntico, verdadeiro, testemunhado, digno de figurar em um baixo relêvo mas que, às vêzes, me parece do domínio da lenda, produto da imaginação e da fantasia, tal a beleza moral do episódio.

Quando Assis Brasil lançou o Manifesto estava expatriado, sofrendo durante um lustro as amarguras do exílio.

O exílio na vida dos homens públicos não é um intervalo sem utilidade, não é um tempo perdido. Stefan Zweig na sua obra "Joseph Fouché" escreveu uma página admirável. Afirmou que "as mensagens mais importantes da humanidade vieram do exílio; os criadores das grandes religiões, Moisés, Cristo, Maomé, Buda, todos foram obrigados a penetrar primeiro no silêncio do deserto, longe dos homens, antes de pronunciar a palavra decisiva. No

mundo político uma retirada momentânea dá ao homem de Estado uma nova finura de percepção. Nada pode acontecer de mais feliz à carreira de um homem político do que uma interrupção momentânea, porque aquêle que não vê o mundo senão do alto, da sumidade do poder, não conhece senão o sorriso dos seus subordinados e a sua diligência perigosa. Não é senão pela desgraça que o homem de Estado adquire a verdadeira clarividência política”.

Em 1928 fundou na cidade de Bagé o Partido Libertador, que reuniu, aos valentes maragatos ou federalistas, herdeiros das tradições e dos ensinamentos de Silveira Martins, os republicanos dissidentes e democratas e elementos novos e jovens, ainda sem ligações partidárias, porque mal despertavam para a vida pública.

O Partido Libertador, hoje sob a chefia do eminente Sr. Raul Pila, é repleto de tradições que orgulham o Rio Grande do Sul.

Assis Brasil criou o lema ou *slogan* “Representação e Justiça”, que desfraldou pelo Brasil a fora em conferências e comícios do Rio Grande do Sul ao Amazonas. Bateu-se pela implantação do voto secreto e pela radical modificação do sistema eleitoral. Vitoriosa a Revolução de 1930 da qual foi um dos chefes civis, ocupou o Ministério da Agricultura. Naquela ocasião o Govêrno Provisório nomeou uma grande Comissão, dividida em numerosas subcomissões para proceder ao estudo das leis brasileiras e sua reforma, de acôrdo com o espírito da Revolução triunfante. Assis Brasil foi o único Ministro de Estado designado para uma dessas subcomissões, a denominada de “Reforma da Lei e Processos Eleitorais”. Em 11 de agosto de 1931 Assis Brasil e o Professor João Cabral, membros da Comissão, apresentaram ao Govêrno o anteprojeto da reforma da lei e processos eleitorais. Foi instituído o voto secreto, conquista que, por si só, valia uma Revolução.

Eis, em breve apanhado, as principais fases da vida pública do grande brasileiro que foi um estadista, na verdadeira e exata acepção da palavra. (*Apoiados*).

Homem de cultura universal, era um orador magnífico, escritor corretíssimo e elegante, *causeur* encantador, e também poeta.

Nas letras riograndenses há um livro famoso “Antônio Chimango”, de autoria de Ramiro Barcelos, que usou o pseudônimo de Amaro Juvenal. Nesse célebre poemeto campestre há um trecho em que o mestre-escola ensina as letras conforme a sua parecência: o “A” (tem um feitiço de barraca c’um pau cruzado na porta). o “C” (a forma é de meia lua). Ai parou Amaro Juvenal e, então, Assis Brasil continuou o alfabeto até o “Z” (um N deitado). O “Correio do Povo”, de Pôrto Alegre, no seu número de 25 de julho de 1953, na seção literária, publica na íntegra os versos de Assis Brasil.

Para mim, Sr. Presidente, a facêta mais notável e mais interessante do grande repúblico foi a do pensador político. Equipara-se na constelação nacional a outro grande astro, a Joaquim Nabuco. (*Muito bem*).

Ambos pensadores políticos, semeadores de idéias.

*O Sr. Arruda Câmara* — Permite-me V. Ex.<sup>a</sup>?

O SR. JOAQUIM DUVAL — Pois não.

*O Sr. Arruda Câmara* — Desejo juntar algumas palavras ao brilhante discurso de V. Ex.<sup>a</sup>, associando-me, em nome do meu Partido, às justas homenagens ao grande vulto que foi Assis Brasil. Quero tributar-lhe um preito especial, em nome dos Constituintes de 23. Assistimos aqui aos últimos lampejos da sua cultura, da sua inteligência brilhante e de suas lições magistrais. Era como um sol que tombava, já, para o ocaso. Guardamos profundas recordações e saudade daqueles dias em que, nesta Casa, em a Constituinte de 34, convivemos com Assis Brasil e recebemos os seus preciosos ensinamentos.

O SR. JOAQUIM DUVAL — Agradeço o aparte de V. Ex.<sup>a</sup>, que tem o sabor de um depoimento histórico.

*O Sr. Flores da Cunha* — Permite-me V. Ex.<sup>a</sup> um aparte?

O SR. JOAQUIM DUVAL — Com muito prazer.

*O Sr. Flores da Cunha* — Sr. Deputado, procurei interromper o menos possível o brilhante discurso do acadêmico e Deputado Luiz Viana, reservando-me para apartear V. Ex.<sup>a</sup>.

O SR. JOAQUIM DUVAL — Muito agradecido a V. Ex.<sup>a</sup>.

O Sr. Flores da Cunha — V. Ex.<sup>a</sup> fêz referência ao meu nome, quando do relato do episódio épico da prisão de Honório Leme, no ano de 1925, entre os municípios de Rosário e de Santana do Livramento. Acredito que o ato, um tanto quanto temerário, de Honório Leme, invadindo o território da República Oriental do Uruguai, por Cerros Verdes, a poucas léguas de Santana do Livramento se deveu mais ao manifesto citado por V. Ex.<sup>a</sup> do que a outros motivos, o reduzido número de combatentes de que dispunha aquêlê revolucionário, com armamento deficiente e mal municiado. O correligionário do illustre Dr. Assis Brasil, no entanto, obedeceu à voz de comando. Honório Leme era um gaúcho generoso, bravo, grande vaqueano, conhecedor dos escaninhos de tôdas aquelas serras, principalmente a do Cavera, que lhe deu a alcunha de “Leão do Cavera”. Assis Brasil, a quem conheci muitíssimo, pois tinha fazenda no Município de Uruguaiana, onde fui prefeito duas vêzes, era verdadeiramente um sábio, um homem que conhecia todos os ramos do saber. Quando, porém, vinha para as altas funções executivas, não se mostrava um realizador; sempre ficou, como lembra o honrado Deputado Luiz Viana, no terreno do idealismo a que sempre foi fiel. Era um homem de vida modelar, que criava e educava os filhos no amanho da terra e no cultivo dos campos. Além de tudo, era um grande patriota, como bem o demonstrou, sua atitude quando das *démarches* para o pacto de Pedras Altas, teve de ceder naquilo que os revolucionários mais desejavam, que era a queda do Presidente do Rio Grande do Sul, para, por outro lado, alcançar a grande conquista de proibir, no futuro, as reeleições e de impor que as eleições se realizassem em outras circunstâncias. A memória de Assis Brasil, para um adversário como eu, que o combati de armas na mão, é sagrada.

O SR. JOAQUIM DUVAL — Muito agradecido a V. Ex.<sup>a</sup>.

Do riograndense destacam-se os livros “Democracia Representativa” e “Do Governo Presidencial na República Brasileira”, escritos, respectivamente, em 1893 e 1896, e ainda atuais pelas observações que contêm e pelos ensi-

namentos que proporcionam. São lições cuja leitura convém repetir.

Discorrendo sobre a índole democrática do Brasil, dizia o ilustre patricio:

“Somos um povo radicalmente democrático. Já na raça da qual provimos, observava o profundo Montesquieu que o sentimento predominante era o da igualdade.

Todos os homens nivelaram-se na América. A democracia nasceu vigorosamente das circunstâncias.

A metrópole ensaiou o feudalismo, criando donatários de enormes extensões de terra; alargou mais tarde até à colônia americana a legislação civil que protegia as instituições aristocráticas, a final, o império empenhou-se por fazer surgir uma nobreza verdadeira.

Tudo foi impotente e ineficaz diante da irresistível tendência democrática da população.

Ainda em pleno império, aboliram-se as desigualdades civis e políticas entre os cidadãos.”

Faz pouco tempo um político, cujo nome não me recordo, aflorou na imprensa a vantagem da criação do cargo de subsecretário de Estado. Pois a êste mesmo respeito escrevia Assis Brasil em 1896:

“Não depende só da vontade mudar o curso da política de uma nação. Os partidos que se revezam no poder continuam, em substância, o que faziam os seus antecessores. Mas isto quanto ao espírito genérico da política; na administração dos negócios, no trabalho de fazer andar a máquina oficial é necessário um certo tato e espirito conservador, que só se aprende na experiência.

Em cada pasta do ministério é limitadíssimo o campo das coisas variáveis com a índole ou com as doutrinas dos ministros e é vasto o quadro das coisas permanentes. Daí a necessidade que, em todos os países representativos, se tem reconhecido de tornar segura e estável a posição de uma certa classe de empregados de cada Secretaria de Es-

tado, especialmente a dos chefes das várias seções, e, à frente de todos, um funcionário ordinariamente tão modesto e obscuro quanto hábil, inteligente e nutrido da tradição dos negócios. Esta personagem é o subsecretário de Estado.

São especialmente úteis aos estadistas principiantes; formam o lastro conservador que lhes garante estabilidade, quando fazem pela primeira vez a travessia dos mares incertos da governança.

Quem vem ao govêrno por vez primeira traz o cérebro saturado de ímpetos reformadores, de anseio de notoriedade. Sem ser partidário, o subsecretário de Estado pode influir muito benêficamente na ação política do seu chefe.”

A nossa primeira Constituição Republicana não admitia o comparecimento dos Ministros de Estado ao Congresso, nem permitia, por parte dêste, interpelações àquelles. Foi Assis Brasil o primeiro a discordar desta proibição e combatê-la em obra publicada em 1896, mas só em 1934 se consagrou em texto constitucional a acertada medida do comparecimento dos ministros ao Congresso.

Quanto ao militarismo, vale a pena transcrever as palavras do eminente patricio. Elas têm inteira atualidade. Escrevia o ilustre brasileiro:

“Quanto ao militarismo, os militares são os primeiros a não o desejarem. Mocidade culta e veteranos esclarecidos, todos sabem, pela lição da história, e também muito por experiência doméstica, que não há meio mais seguro de destruir o exército do que entregar-lhe o govêrno.

A grande maioria dos militares brasileiros o que deseja precisamente é que a sua classe se especifique no desempenho da função honrosa e substancial de garantir a segurança da Pátria, e deseja mais, que se dê fim ao abuso corrente de muitos dos seus abandonarem a cultura dos deveres profissionais pelas aventuras da falsa politica, com prejuízo para o Exército e para os camaras das que permanecem na fileira.”



Sr. Presidente, não devo alongar meu discurso, pois seu objetivo é o de associar expressamente a representação sul-riograndense às homenagens que o Parlamento Nacional tributa ao grande brasileiro no centenário do seu nascimento.

O discurso oficial nesta Casa acaba de ser proferido pelo nobre Deputado Luiz Viana, historiador, escritor consagrado, membro da Academia Brasileira de Letras, que a todos encantou com sua palavra. (*Apoiados*).

Concluindo, posso afirmar que Assis Brasil fez da sua vida um poema porque realizou na idade provecta os sonhos de sua juventude. Sua vida é lição e exemplo para a nossa mocidade.

Era o que desejava dizer. (*Muito bem; muito bem. Palmas. O orador é vivamente cumprimentado*).